



ANAIS

**IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

**IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)**

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

ALGUMAS PROBLEMÁTICAS ENCONTRADAS NO ESTUDO DA BIBLIOGRAFIA PRODUZIDA SOBRE A IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA

Pablo Vinicius Napoli (UEM-G)¹

Vanda Fortuna Serafim (UEM-PQ)²

332

Resumo: A pesquisa tem por objetivo compreender e historicizar a temática das igrejas inclusivas, tendo como foco principal a Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches³ (UFMCC), conhecida pelo nome de Metropolitan Community Church⁴ ou, no Brasil, Igreja da Comunidade Metropolitana. O recorte histórico eleito para tanto consiste temporalmente desde 1968 até os dias atuais, centrando-se espacialmente nos Estados Unidos, por ser contexto histórico de fundação da igreja, pelo reverendo Troy Perry. A pesquisa tem o propósito de problematizar a historicidade do discurso e prática religiosa das igrejas inclusivas e sua inserção no “campo religioso americano”. Com esse objetivo a bibliografia americana sobre a instituição foi lida e sistematizada e os resultados são aqui apresentados. Para tanto, a pesquisa embasa-se em referências para análise institucional das religiões, tais como Pierre Bourdieu (2007, 2008), além da produção acadêmica mais recente sobre o tema na história das religiões e Patrick Cheng (2011) e sua análise da teologia queer como bases para se compreender a documentação analisada.

Palavras-Chaves: Igrejas inclusivas. *Metropolitan community church*. Igreja da comunidade metropolitana.

INTRODUÇÃO

Metropolitan Community Church ou MCC é uma igreja fundada nos Estados Unidos em 1968 pelo reverendo Troy Perry, que se caracteriza por ser a primeira e maior igreja inclusiva do mundo, com mais de 200 igrejas pelo mundo. Por igreja inclusiva se entende um termo geral para designar instituições religiosas voltadas a atender o público LGBTQIA+.

Esse é um fenômeno que começou nos EUA na década de 70 do século passado, junto com o movimento por direitos LGBTQIA+ e se expandiu rapidamente tendo alguns exemplares nos EUA e em outros países. No Brasil há atualmente algumas igrejas que se

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual de Maringá. Membro do grupo de pesquisa História das crenças e das ideias religiosas. E-mail de contato: ra111441@uem.br

² Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá-UEM. E-mail de contato: vandaserafim@gmail.com

³ Fraternidade universal de igrejas da comunidade metropolitana

⁴ Igreja da comunidade metropolitana

denominam inclusivas, inclusive a Igreja da comunidade metropolitana está presente. No Brasil o movimento começou nos anos 2000.

Ainda há poucos trabalhos sobre o assunto, com a maioria dos trabalhos sendo desconexos uns dos outros, além de no Brasil não haver uma discussão sobre a origem estadunidense do fenômeno. Ao buscar compreender a origem e desenvolvimento da igreja e contribuir com a discussão sobre o tema das igrejas inclusivas se torna imprescindível para o presente estudo a compreensão da bibliografia americana escrita sobre a instituição.

No entanto, o estudo de uma bibliografia estrangeira pode ser desafiador, pois além da óbvia barreira da língua, há um próprio ecossistema de conceitos e termos que são utilizados como base referencial para sua produção que necessitam ser compreendidos.

Por isso foi preciso entender o contexto religioso americano, para melhor compreender o ambiente social em que nasceu e se desenvolveu a igreja nos primeiros anos, além do panorama geral e conceitos que os pesquisadores tinham em mente ao pensar as igrejas inclusivas. Tendo como objetivo a compreensão do cenário religioso foi utilizado o livro *American mainline religion: It's changing shape and future*⁵ (MCKINNEY; ROOF, 1986), onde temos uma descrição do sistema religioso americano nas últimas décadas do século XX, resultado direto das mudanças ocorridas nos anos 60.

Além de entender o contexto em que a igreja nasceu e se desenvolveu é necessário compreender como a bibliografia lidou com o novo fenômeno. Como a maior parte da bibliografia se trata de textos de sociólogos ou psicólogos que utilizam a observação participante como método, o trabalho *At the intersection of church and gay: a review of the psychological research on gay and lesbian Christians*⁶ (RODRIGUEZ, 2009) aparece como essencial para o melhor entendimento dos trabalhos estudados. O autor discute as principais teorias utilizadas para se trabalhar com o público gay cristão e a evolução desses conceitos ao longo do tempo.

Além disso, em *Of markets and missions: The early history of UFMCC*⁷ (WILCOX, 2001) temos a única tentativa, até o ponto em que a pesquisa foi capaz de captar, de organizar historicamente a trajetória da MCC. Devido a esse fato, o trabalho serviu como guia de referência as temáticas a serem exploradas.

⁵ “O centro da religião americana: sua forma em mudança e seu futuro” (tradução nossa)

⁶ “Na intersecção de igreja e gay: Uma revisão da pesquisa psicológica sobre gays e lésbicas cristãs” (tradução nossa).

⁷ “De mercados e missões: A história inicial da UFMCC” (tradução nossa)

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UDEL), 4, 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2021.

Ao analisar a bibliografia composta por trabalhos etnográficos se notou a dispersão e isolamento das pesquisas, no sentido que não se referenciavam e as conclusões tendiam a ficar no âmbito local. Por isso se sentiu a necessidade de trabalhar essa bibliografia mostrando sua evolução ao longo do tempo e a contextualizando para poder tirar conclusões mais amplas.

Por último temos os textos complementares que ajudaram a melhor entender a discussão e trouxeram questões pertinentes ao tema.

MCC: CONTEXTO DE CRIAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E PESQUISA ACADÊMICA.

334

O contexto americano

Foi necessário para a pesquisa que, antes de adentrar a bibliografia sobre a MCC, fosse melhor entendido o contexto em que a igreja nasceu e se desenvolveu, dado que o cenário religioso americano tem suas especificidades. Para tanto foi utilizado o livro *American mainline religion* (MCKINNEY; ROOF, 1986).

O livro de Mckinney e Roof (1986) se propõe a descrever e entender o cenário religioso americano, se utilizando para isso de dados estáticos e conceitos para interpretar alguns fenômenos que os autores consideram como importantes. Entre esses conceitos, o constante avanço de uma perspectiva voluntarista e a importância cada vez maior da identificação do padrão de trocas religiosas dos indivíduos são alguns principais. Os autores tem uma abordagem sociológica estruturalista para o tema, abordando as grandes mudanças e escrevendo para um público que ainda tentava entender as mudanças causadas pela década de 60.

O livro tem sua importância no contexto da pesquisa, pois ajuda com a familiarização tanto dos conceitos que a sociologia americana utilizava para tratar dos fenômenos religiosos, quanto para entender o cenário religioso em mudança nas décadas finais do século XX.

Para melhor entender as afirmações dos autores é importante ter em mente que o ambiente religioso americano é bem diferente do brasileiro. Nos EUA as igrejas se organizam historicamente pelo sistema de denominações, onde até mesmo a Igreja católica é apenas mais uma entre várias outras instituições. A herança do pluralismo e voluntarismo é grande na gênese religiosa americana. Segundo o autor: “Desta herança veio o sistema de denominações como

uma forma sócio-religiosa peculiarmente americana”⁸ (MCKINNEY; ROOF 1986, n.p, tradução nossa). Isso traz várias particularidades pertinentes à pesquisa.

Na visão dos autores o cenário religioso da década de 80 é “líquido”, ou seja, se encontra em momento de transição e ninguém sabe para onde está indo. Para os autores há uma ruptura ocorrida nos anos 60 que divide as duas épocas entre uma época de certezas característica do pós-guerra e outra de rápidas mudanças e novos valores, onde gurus e cultos não mais tão raros.

O momento de ruptura com a estabilidade é encontrado nos anos 60, onde dois grandes fatores ajudaram a mudar a forma do pluralismo e individualismo encontrado na sociedade americana, o evangelismo dos anos 70 e a contracultura. Que dois movimentos tão opostos estejam na gênese da “nova era”, que é marcada pela destruição do centro, que era ocupado há séculos pelas igrejas liberais, indica o tom que os autores identificam para o cenário, um que tende cada vez mais a polarização, marcado pela ascensão conservadora e pela crescente secularização.

Essa ruptura é importante, pois demarca bem o momento de nascimento da MCC. Para uma nova instituição nascer e crescer normalmente isso se dá em uma quebra do sistema religioso anterior, permitindo a transformação do profeta em sacerdote (BOURDIEU, 2007, 2008). O rompimento com a moral estabelecida permitiu a abertura de novos movimentos, como o movimento gay e o evangelismo, dois dos quais a MCC é fruto direto.

Nessa nova forma do pluralismo e individualismo tão característica do sistema religioso americano, os autores ressaltam dois pontos, primeiro da salvação como experiência pessoal e da justiça social como a quebra da visão anglo-saxão da sociedade americana, levando a uma noção de uma instituição que deveria servir ao indivíduo e não o contrário. Aqui se vê uma remodelação do modo como a instituição lida com o seu afiliado, quebrando antigos vínculos tradicionais. Também se pode observar como as mudanças ocorridas em uma arena social maior foram transpostas para o ambiente religioso incentivando novas formas de adoração (BOURDIEU, 2007, 2008) e, vale dizer, formas muito compatíveis com os modelos adotados pela MCC, já que justiça social e um experiência de acolhimento são algumas de suas características mais marcantes.

Nessa onda de voluntarismo encontramos elementos diferentes dos do que formaram a base da sociedade estadunidense, como uma busca por satisfação pessoal⁹, ou seja,

⁸ “Out of this heritage came the denomination as a peculiarly american socioreligious form”, no original

⁹ *Personal fulfillment*, no original

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UERL), 4, 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2021.

cada vez mais uma preocupação com o *self*, que se reflete em uma busca por conforto material e uma ânsia do consumo, além de uma onda de gurus e terapias. Nesse contexto a experiência de graça ou salvação se torna igual à de satisfação, aqui os autores usam o termo “jornada espiritual” para designar essa nova experiência.

É interessante notar que o termo “jornada espiritual” é utilizado também no artigo *Queer liveability: Inclusive church scenes*¹⁰ (CUTHBERT; TAYLOR, 2019) com um significado parecido. Para os membros da comunidade estudada a MCC era um suporte a jornada espiritual de aceitação individual de muitos membros. Apesar de o artigo tratar de apenas uma comunidade, mostra que há uma grande relação entre as tendências do campo religioso americano, mostradas em *American mainline religion* (MCKINNEY; ROOF, 1986), relações que sobreviveram até o século XXI. O artigo de Warner (1995) poderia ser outro exemplo, com a discussão sobre a MCC ser uma igreja “tipicamente americana”.

Outra adaptação pertinente que o antigo pluralismo americano está sofrendo é a delimitação clara de uma linha ideológica que divide as denominações, com os autores falando de denominacionalismo moral. Antes, dentro do consenso pré década de 60, havia diferenças teológicas e de tradição, entre os metodistas, batistas e episcopais, por exemplo. No entanto, o que os autores veem agora é uma tensão entre os grupos quanto à aceitação da cultura urbana secularizada, se dividindo entre linhas liberais ou conservadores, com fortes pressões seculares dos dois lados. Isso mostra que o perfil do fiel mudou, devido a mudanças na própria sociedade americana, e se criou uma pressão enorme sobre as igrejas para refletir essa mudança, com algumas não tendo superado essas mudanças até os dias atuais, dado o baixo nível de membros nas igrejas americanas atuais.

Isso não significa dizer que a disputa teológica cesse, mas que agora ela aparece mais como um suporte para as disputas comportamentais do que qualquer outra coisa. As disputas entre as diferentes igrejas e leigos não mais se definem sobre um conteúdo teológico, mas se encontram muito mais no campo da moral e comportamento, com temas como aborto, direito da mulher e dos negros. Essas questões geram um campo cada vez mais polarizado onde o meio perde a eficácia em atrair o público.

A MCC ao longo de sua história é um exemplo claro em utilizar a disputa teológica para legitimar seu posicionamento sobre temas comportamentais, ao mesmo tempo em que denuncia a leitura conservadora de fazer o mesmo. Grande parte do diálogo com outras igrejas tem se baseado nessa temática, como pode ser visto no livro, *Our tribe: Queer Folks, God*,

¹⁰ “Habitabilidade queer: cenas de igrejas inclusivas”. (tradução nossa)

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/Uel), 4, 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: Uel, 2021.

*Jesus, and the Bible*¹¹ de Nancy Wilson (1995). Isso demonstra que a MCC era uma instituição muito preparada para o que o sistema religioso pedia e se adaptou muito bem nos primeiros anos, basta ver seu crescimento enorme.

Outro questionamento ao olhar a divisão que os autores articulam no livro é o do lugar que a MCC ocupa nessa discussão. Apesar de claramente filiada com uma agenda liberal, tem raízes pentecostais e muitas de suas celebrações têm esse tom, o que levou Bauer (1976) a os considerar “fundamentalistas”. Wilcox (2001), no entanto, cria o conceito da MCC como uma “igreja híbrida”, que suporta uma agenda liberal e que consegue ao mesmo tempo se aproveitar da onda conservadora dos anos 70.

Entre os fenômenos mais importantes que os autores destacam para o cenário religioso americano estão o de trocas religiosas e de qualidade de conversão. Isso é de suma importância para a MCC, já que seu público precisa ser constantemente novo e ativo. Talvez o estilo pentecostal de gerir a comunidade tenha ajudado a MCC a manter com a evangelização, ao mesmo tempo em que os convertidos eram mantidos e integrados.

Os conceitos utilizados no estudo das igrejas inclusivas nos EUA

O artigo de Rodriguez (2009) foi um passo muito útil no entendimento da bibliografia estudada, já que seu artigo se trata de uma revisão dos principais conceitos psicológicos utilizados na pesquisa sobre as igrejas inclusivas nos EUA. Além disso, o artigo de 2009 marca um ponto de virada na utilização desses conceitos, já que ele busca criticar as teorias existentes, propondo uma nova abordagem que considera mais coerente com a evolução da área.

O autor cita a relação entre o público de gays e lésbicas e a religião cristã como sendo normalmente vista e lembrada em um contexto de ódio e repressão, o que forma uma imagem pré-moldada na mente das pessoas em geral e também do pesquisador. Essa suposição prévia de um conflito marca os pesquisadores que se propuseram a observar as igrejas inclusivas até as últimas décadas do século XX, moldando, em parte, as problemáticas tratadas pelas pesquisas.

Alguns pesquisadores deixam claro o choque com que se deparam após começar sua pesquisa tendo como objeto as igrejas inclusivas. Bauer (1976) é um exemplo claro disso,

¹¹ Nossa tribo: povo queer, Deus, Jesus e a bíblia (tradução nossa)

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/Uel), 4, 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: Uel, 2021.

o autor deixa muito claro sua incapacidade de entender o seu objeto dado que não pertence e não pode pertencer ao grupo de “homofilos” que observava.

Nas primeiras pesquisas é nítida como era difícil entender um fenômeno tão novo e que contrariava tanto o senso comum dos próprios pesquisadores. Foi, inclusive, esse o interesse inicial que resultou nessa pesquisa. Essas imagens pré-moldadas socialmente e a sua consequente quebra talvez tenham sido dois elementos que mais moldaram a pesquisa. Entre as principais questões geradas por essa concepção está a necessidade do apego religioso apesar do ódio e como essas duas identidades conflitantes do indivíduo interagem na formação de sua personalidade.

O que se vê no final é uma opção de narrativa que privilegia quase sempre o aspecto da opressão e conflito entre as identidades advindas da realidade social e religiosa. Talvez esse foco tenha se dado pelo momento que se encontrava o cenário religioso e social americano, uma efervescência de movimentos cada vez mais polarizados, caracterizados cada vez menos por diferenças teológicas e cada vez mais por posições em debates morais (MCKINNEY; ROOF, 1986).

Essa narrativa foi se tornando mais complexa com o tempo e capaz de abordar as igrejas e seus membros enxergando outros aspectos além do conflito, muito também pela mudança da aceitação social e religiosa da questão LGBTQIA+. No artigo *Queer liveability* (CUTHBERT; TAYLOR, 2019), por exemplo, se fala de uma era “pós-gay”. Vale dizer que com isso não quer se implicar que a sociedade está livre de conflitos e preconceitos do tipo, mas apenas que passou a época em que toda e qualquer instituição cristã condenava a homossexualidade e que nem todo indivíduo apresenta conflito entre as duas partes de sua identidade.

Como opção a essa narrativa de conflito Rodriguez (2009) prefere utilizar os conceitos de integração e empoderamento, pois considera que a MCC fornece esse lugar seguro que permite que os participantes integrem suas identidades e construam um sentimento de confiança.

História e desenvolvimento da primeira e maior igreja inclusiva do mundo.

O único trabalho que tem uma discussão histórica sobre a origem e desenvolvimento da MCC foi feito por Wilcox (2001). A autora se propõe a discutir a bibliografia existente e as fontes da instituição, debatendo o crescimento da MCC nos primeiros anos tendo em vista aspectos gerais da sociedade americana e do sistema religioso, além dos próprios aspectos internos da MCC.

Wilcox (2001) ressalta o sucesso rápido da UFMCC, que nos primeiros anos já era uma organização protestante bem sucedida e em plena expansão. A autora contextualiza seu crescimento

na emergência de novos movimentos nas décadas de 60 e 70, que criam uma nova noção de comunidade e identidade, muito mais focada em um aspecto pluralista. Agora temos movimentos de negros, latinos, gays, mulheres. A autora também lembra a ascensão pentecostal, também discutida em *American mainline religion* (MCKINNEY; ROOF, 1986).

Outro ponto favorável para a MCC foi à relação das igrejas com a homossexualidade. As igrejas e a sociedade começam a discutir o tema já nos anos 40, com certos clérigos alertando para a necessidade de as igrejas estarem prontas para responder a esse problema. Mas, de maneira geral, os homossexuais não são aceitos, embora na época vários movimentos tentassem abrir essa porta, como mostrado no artigo de Browning (1994). A autora cita vários documentos e estamentos de várias organizações sobre o tema.

Há alguns fatores internos que foram importantes para o sucesso da MCC. O carisma encontrado na figura de Perry, tido por Wilcox (2001) e Warner (1995) como um grande empreendedor religioso.

Além disso, a organização sempre teve um grande foco em evangelização e expansão para o maior número de pessoas e lugares possível. O modo e os lugares com que a MCC realiza sua evangelização é um tema debatido entre a bibliografia e criticado pelas outras igrejas. A MCC não via nenhum problema em panfletar em paradas gay, bares, clubes ou ambientes da “cena noturna”.

Inclusive Bauer (1976) identifica dois tipos de membros na igreja. O primeiro é o afiliado que participa ativamente das atividades da igreja e atende constantemente, o segundo é o que atende ocasionalmente e, segundo o autor, veem a igreja como mais um ambiente da “cena gay”.

A autora se pergunta o porquê do pentecostalismo da MCC, defendendo o ponto de Warner (1995) como sendo algo que melhor ajudaria a afirmar a identidade homossexual. Aqui a autora cunha o conceito de “hibridez”, com a igreja sendo capaz de se aproveitar tanto da onda do movimento gay quanto da ascensão pentecostal.

Pesquisas etnográficas

Ao longo dos anos as igrejas inclusivas e principalmente a UFMCC, tem sido alvo do olhar acadêmico. A maioria das análises foi feita com bases etnográficas, com foco em comunidades locais.

Portanto, a maior parte da bibliografia acadêmica sobre a UFMCC se resume a estudos de casos. Esses estudos não são recorrentes ao longo dos anos, o que cria uma bibliografia dispersa e desconexa. No entanto, isso nos permite ver claramente a evolução dos conceitos utilizados e a mudança da visão em relação às comunidades estudadas ao longo do tempo.

Temos estudos tão antigos quanto 1974 e tão recentes quanto 2019. Algo notável é que, apesar do espaçamento temporal e bibliográfico entre as obras, algumas questões que aparecem em *The gay church*¹² (ENROTH; JAMISON, 1974) e *The homosexual subculture at worship*¹³ (BAUER, 1976) também aparecem em *Queer liveability* (CUTHBERT; TAYLOR, 2019). No entanto, o modo como se abordam essas questões muda consideravelmente com o tempo, sendo que nas primeiras pesquisas a MCC não é nem considerada uma igreja, só obtendo esse status na pesquisa acadêmica com Warner (1995). Os conceitos tendem a mudar de acordo com o que foi exposto no artigo de Rodriguez (2009), com o tempo foi se desenvolvendo uma maior sensibilidade e complexidade com relação às igrejas inclusivas, o que levou a uma revisão dos conceitos utilizados.

Uma das observações que resistiu ao tempo foi à capacidade da MCC de fornecer um lugar seguro para que se exerçam as duas identidades, a sexual e religiosa. Para Bauer (1976) a MCC fornece respeitabilidade religiosa e aceitação social a um grupo que necessitava de uma fuga para a opressão sofrida. Para Warner (1995) MCC é uma típica igreja americana, ou seja, é um espaço de legitimação social de um grupo dentro do sistema de denominações. Segundo o autor: “Perry e seus seguidores iniciais tiveram a audácia de clamar para os homossexuais o espaço social dado para grupos subculturais pelas igrejas americanas”¹⁴ (WARNER, 1995, p.89, tradução nossa). Para o autor o fato da MCC ser pentecostal é uma de suas maiores vantagens: “gay cristãos como Troy Perry não esqueceram a tradição evangélica; eles acham em sua variante pentecostal uma visão de graça com a qual subjugar a lei”¹⁵ (WARNER, 1995, p. 87, tradução nossa).

Em *Queer liveability* (CUTHBERT; TAYLOR, 2019) e no artigo de Rodriguez (2009) a perspectiva sai do aspecto do conjunto social e da opressão sofrida pelo mesmo para uma análise mais individual, seguindo a corrente geral do cenário religioso retratado em

¹² A igreja gay (tradução nossa)

¹³ “A cultura homossexual em adoração: um estudo de observação participante”. (tradução nossa)

¹⁴ “Perry and his early followers had the audacity to claim for homosexuals the social space given over to subcultural groups through american churches”, no original

¹⁵ “Gay christians like Troy Perry have not forgotten the evangelical tradition; they have found in its pentecostal variant a vision of grace with which to subdue a judgment of law”, no original.

American mainline religion (MCKINNEY; ROOF, 1986). A MCC seria um lugar seguro onde se poderia efetuar a integração de identidades ou mesmo um lugar de auxílio para a “jornada espiritual” realizada por seus membros. De qualquer modo, todos os autores observam o aspecto do acolhimento e integração em uma comunidade como um dos aspectos positivos presente na igreja.

Algumas das problemáticas aparecem de forma simples nos primeiros trabalhos e vão se tornando mais complexas conforme o contexto externo e interno vai sofrendo mudanças. Em *The gay church* (ENROTH; JAMISON, 1974) e *The homosexual culture at worship: a participation observation study* (BAUER, 1976) é possível observar como os autores vão construindo uma dicotomia hetero/gay ou igreja gay/igreja hetero. Isso é um fato que se repete até os dias atuais, com a imprensa denominando a MCC de “igreja gay” ou “igreja LGBT”. Apesar de ser uma afirmação que simplifica os diferentes níveis de aceitação das diferentes instituições religiosas, ainda é um estamento que acompanha vários trabalhos e aparições na mídia da MCC.

A questão era mais simples nos tempos de Bauer (1976), já que, como Wilcox (2001) relembra, a quase totalidade das igrejas cristãs rejeitava a presença homossexual, ou ao menos negavam qualquer participação ativa a esse grupo. No entanto, essa situação muda, Browning (1994) relata que em algumas organizações já existiam grupos pró-aceitação. Cadge (2002) relata que quase todas as organizações da *mainline* têm programas ou grupos voltados para o público LGBTQIA+.

Frente a esse novo panorama a discussão sobre uma “igreja gay” se torna mais complexa, com uma terceira opção adicionada. Questões que antes permaneciam adormecidas, pela própria falta de concorrência sobre a MCC, começam a aparecer.

Vale deixar claro que a MCC, apesar de ser dizer um “amor que inclui a todos”, é uma “igreja gay”, se posicionando a ser reconhecida desse modo, o que se reflete também em seu público. A instituição tem como foco o essencialismo, como diria Warner (1995), no sentido de que afirma a necessidade de existência de uma igreja voltada para o público homossexual. Essa posição é refletida na teologia queer, que foca em criar um conteúdo intelectual e teológico voltado para a especificidade do público LGBTQIA+ e posições como a encontradas no livro *Our tribe* de Wilson (1995), onde as pessoas LGBTQIA+ aparecem como uma “tribo”. (CHENG, 2011)

Com todas essas questões e mudanças começa um debate sobre inclusão dentro uma igreja voltada apenas para um público e a necessidade de uma “igreja gay”, que se apegue a

dicotomia hetero/gay. Essa discussão é levantada por Enroth e Jamison (1974) e houve (ainda há) um debate interno sobre o propósito e necessidade de existência da instituição. A igreja inicialmente havia sido fundada tendo como um de seus objetivos a aceitação perante outras instituições, o que foi atingido, em parte. A discussão interna sobre essa questão e o diálogo com outras instituições podem ser vistos nas duas biografias de Perry ou no livro de Wilson (1995).

O termo “igreja gay” aqui utilizado não pretende desqualificar a MCC como grupo religioso, mas reconhecer que sua unidade e coesão se dão, em parte, pela identidade sexual de seus membros e não por uma tradição histórica ou teológica. Isso cria um problema sobre a organização cerimonial e teológica, como abordado em *The gay church* (ENROTH, JAMISON, 1974), já que a igreja se compõe de membros de diferentes tradições, levando a situações onde um culto católico era performado no sábado e um pentecostal no domingo.

Isso é discutido no artigo *Queer liveability* (CUTHBERT; TAYLOR, 2019), com os membros da comunidade inglesa sentindo a falta de uma tradição ao estilo que encontram em outras instituições tradicionais. Essa discussão se torna mais pertinente no cenário atual, dado que os membros podem e participam das igrejas tradicionais.

Voltando a questão do essencialismo, temos o artigo *Metropolitan community churches and the gay agenda: The power of pentecostalism and essentialism*¹⁶ (WARNER, 1995). Na visão do autor o principal papel da MCC é o da legitimação da homossexualidade como algo inato e criado por Deus. A MCC aparecia fazendo o papel descrito por Bourdieu (2007, 2008) para uma igreja, legitimar o arbitrário. Vale lembrar que na época havia pouca informação sobre a homossexualidade e um grande debate sobre ser um fenômeno social ou biológico, ou seja, uma escolha ou algo inato do ser.

Outra observação importante para o estudo das igrejas inclusivas foi o papel atribuído a Perry e a MCC na luta por direitos. Isso se deve também ao papel reservado a igreja nos EUA, como um espaço social de legitimação de determinados grupos, como visto em *American mainline religion* (MCKINNEY; ROOF, 1986). Nos EUA temos igrejas para negros ou latinos, por exemplo.

Por último vale ressaltar a evolução que as teorias e métodos da bibliografia sofreram ao longo do tempo, saindo de trabalhos que nem consideravam a MCC como grupo religioso até chegar a

¹⁶ Igrejas da comunidade metropolitana e a agenda gay: o poder do pentecostalismo e essencialismo”. (tradução nossa)

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/Uel), 4, 2021, Londrina. *Anais...* Londrina: Uel, 2021.

Queer liveability (CUTHBERT; TAYLOR, 2019) onde o artigo faz parte de uma pesquisa mais abrangente sobre o bem estar de pessoas cristãs *queer*. Essa evolução não se deu por uma evolução da bibliografia em uma discussão interna sobre o problema das igrejas inclusivas, mas por uma mudança da visão social e acadêmica sobre temas como esse, além de uma mudança interna da própria igreja.

TEXTOS COMPLEMENTARES

A leitura de textos complementares ajudou no entendimento do fenômeno que foi a MCC e também, sobre uma perspectiva mais abrangente, sobre o encontro das organizações religiosas com o público LGBTQIA+.

Em *LGBT religious activism: Predicting state variations in the number of Metropolitan Community Churches, 1974-2000*¹⁷ (KANE, 2013) temos um estudo quantitativo sobre o crescimento da MCC, o único do tipo, até o ponto em que a pesquisa pode captar.

Devido a sua abordagem a autora consegue chegar a conclusões diferentes e de uma perspectiva diferente dos estudos de caso. A pesquisa de Kane (2013) é baseada em algumas premissas para analisar os dados coletados sobre o crescimento da MCC. O que tornou seu trabalho interessante foi que entre as premissas de análise apenas duas seguiram o previsto, o número de estabelecimentos LGBTQIA+ e a população do estado.

Quando a autora analisou o crescimento da igreja em relação às oportunidades políticas (leis contra ou a favor a homossexualidade, grupos políticos voltados para essa causa) o resultado foi o oposto do esperado. Isso nos leva a acreditar que a igreja tende a crescer onde as leis e grupos eram contra sua existência em comparação aos estados mais liberais no quesito sexual. Vale lembrar que no meio para o final do século passado nos EUA alguns estados tinham leis antisodomia e absurdos parecidos.

Com isso fica a questão de como foi o crescimento no período posterior ao estudado, já que nesse século as organizações se mostram muito mais receptivas aos membros LGBTQIA+ e leis antisodomia são lembradas como um absurdo conservador, como foi discutido anteriormente.

No artigo de Browning (1994) vemos como se começou a fazer essa abertura das igrejas tradicionais a essa nova perspectiva de aceitação. Analisando duas congregações o autor nos mostra como existia um debate acalorado sobre a inclusão de membros LGBTQIA+ e sua nomeação como membros do clero, com grupos contra e a favor. O autor conclui que o modelo

¹⁷ “Ativismo religioso LGBT: Prevendo variações de estado no número de igrejas da comunidade metropolitana, 1974-2000” (tradução nossa).

organizacional atua também para o sucesso ou falha dos pretendentes homossexuais, além da opinião dos membros da organização.

Em Cadge (2002) vemos que a discussão observada por Browning (1994) se estendia a maioria das organizações tradicionais e liberais. As discussões morais estavam no centro do debate social americano e as igrejas; o local onde, por excelência, é formada a moral, tinha de se posicionar também, como foi discutido em *American mainline religion* (MCKINNEY; ROOF, 1986).

A autora relata que a maioria das igrejas tradicionais e liberais tinham programas voltados para o público LGBT, com modelos diferentes, mas todas voltaram sua atenção para essa parcela de seus membros.

Esses artigos complementares ajudam a expandir e complementar a discussão, trazendo alguns dados pertinentes que fogem aos estudos etnográficos, tratando de questões mais abrangentes que apenas uma comunidade.

Vale fazer uma ressalva que termos como LGBTQIA+ ou *queer* são recentes e que os autores utilizavam termos como “homofilos”, homossexuais e, mais comumente, gay. Isso também demonstra outra evolução dos conceitos, que agora abordam uma complexidade de pessoas maior. Além disso, essa foi uma discussão dentro da própria MCC, com a linguagem inclusiva e uma discussão sobre a maior participação de lésbicas e futuramente de outras sexualidades e gêneros.

CONCLUSÃO

Com a revisão bibliográfica a pesquisa avançou e conseguiu compreender alguns conceitos essenciais para a melhor discutir e historicizar a temática das igrejas inclusivas e especificamente a MCC.

Entre as principais questões tratadas pela biografia está o entendimento do contexto geral onde a igreja nasceu com a emergência do movimento gay e do evangelismo. Além disso, a sua natureza pentecostal, apesar de sua postura militante liberal.

Também foi possível compreender os conceitos utilizados pela bibliografia e traçar uma evolução ao longo do tempo, de forma que possamos tornar as problemáticas mais complexas, como, por exemplo, a questão da dicotomia hétero/gay e a recente construção de um caminho do meio.

Com o presente trabalho espera-se contribuir para a discussão sobre igrejas inclusivas no Brasil, adicionando ao debate maior discussão bibliográfica e contexto histórico as existentes pesquisas etnográficas.

REFERÊNCIAS

- BAUER, P.F. **The homosexual subculture at worship**: A participant observation study. *Pastoral Psychol* 25, 115–127, 1976. <https://doi.org/10.1007/BF01759854>
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. 9. ed. [S. l.]: Papirus, 2008.
- BROWNING, Peter. **Homosexuality, Ordination and Polity**. *Quarterly Review*, verão: 161-179. 1994.
- CADGE, W. **Vital Conflicts**: The Mainline Denominations Debate Homosexuality. Pp. 265-86 in: *The Quiet Hand of God: Faith-Based Activism and the Public Role of Mainline Protestantism*, editado por R. Wuthnow and J. H. Evans. Berkeley, CA: University of California Press, 2002.
- CHENG, Patrick S. **Radical Love**: An Introduction to Queer Theology. 1. ed. [S. l.]: Seabury Books, 2011.
- CUTHBERT K, TAYLOR Y. **Queer liveability**: Inclusive church-scenes. *Sexualities*; 22(5-6):951-968, 2019. doi:[10.1177/1363460718772759](https://doi.org/10.1177/1363460718772759). Acesso em 22 jan. 2021.
- ENROTH, R. M.; JAMISON, G.E.. **The Gay Church**, f. 72. 1974. 144 p
- KANE, M.D. **LGBT Religious Activism**: Predicting State Variations in the Number of Metropolitan Community Churches, 1974–2000. *Sociol Forum*, 28: 135-158, 2013. <https://doi.org/10.1111/socf.12006>
- MCKINNEY, W; ROOF, W.C.. **American Mainline Religion**: Its Changing Shape and Future. Rutgers University Press, v. 1, f. 140, 1986. Paginação irregular.
- RODRIGUEZ, E. M. **At the Intersection of Church and Gay**: A Review of the Psychological Research on Gay and Lesbian Christians, *Journal of Homosexuality*, 57:1, 5-38, 2009. DOI: [10.1080/00918360903445806](https://doi.org/10.1080/00918360903445806)
- WARNER, R S. **The metropolitan community churches and the gay agenda**: The power of pentecostalism and essentialism. In: NEITZ, M J; GOLDMAN, M S; BROMLEY, D G. *Sex,*

lies, and sanctity: religion and deviance in contemporary north america. [S. l.]: Emerald, 1995.
p. 81-108.

WILCOX, M. **Of Markets and Missions**: The Early History of the Universal Fellowship of
Metropolitan Community Churches. *Religion and American Culture: A Journal of
Interpretation*, 11(1), 83-108, 2001. doi:10.1525/rac.2001.11.1.83

WILSON, Nancy. **Our Tribe**: Queer Folks, God, Jesus, and the Bible. [S. l.]: Harpercollins,
1995.

* * * * *